

O Exorcista em Natal-RN (1975): uma análise do discurso jornalístico em tempos de censura¹

Lara Paiva de França²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo

Este artigo investiga a recepção do filme *O Exorcista* (1973) na cidade de Natal (RN), com foco no ano de 1975, quando o longa foi finalmente exibido após liberação da censura brasileira. A pesquisa analisa matérias publicadas nos jornais *Diário de Natal*, *O Poti* e *Tribuna do Norte*. A análise permite compreender os modos pelos quais o jornalismo local moldou percepções sociais e contribuiu para o legado cultural da obra na capital potiguar.

Palavras-chave: O Exorcista; análise do discurso; censura; jornalismo potiguar; memória cultural.

1. Introdução

O filme “O Exorcista” estreou nos Estados Unidos na temporada de Festas de Natal de 1973, agências de notícias afirmaram que pessoas passaram mal ao assistir à obra nos Estados Unidos (Tribuna do Norte, 1974). Entretanto, enfrentou censura no Brasil, sendo liberado apenas em 1974 (MACEDO, 1974). Na cidade de Natal, por sua vez, somente entrou em cartaz em abril de 1975, conforme o Diário de Natal (MACEDO, 1974).

“O Exorcista”, o filme mais comentado no momento e que estava rigorosamente proibido no Brasil, acaba de ser liberado pela censura, que após exibi-lo em caráter especial para destacadas autoridades em Brasília o considerou excelente. (MACEDO, p. 5, 1975).

Como foi a cobertura da mídia local a respeito da obra? Segundo o jornalista Cassiano Arruda Câmara (1975), o filme teve sua primeira exibição em 16 de abril de 1975, exclusivamente no Cine Rio Grande em Natal. O resultado veio após insistência dos jovens natalenses, que até chegaram a viajar até João Pessoa, já que a cidade a lançaria primeiro (CÂMARA, 1975, p.5).

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudo da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), formada em jornalismo e publicidade pela mesma instituição, e-mail: paivalaraf@gmail.com.

Já o jornalista Paulo Macedo (1975) disse que os natalenses lhe procuraram para pedir que fosse exibido no Cine Rio Grande, maior cinema da cidade.

Assim como em outras partes do mundo, o filme obteve grande sucesso na capital potiguar e deixou sua marca na história do cinema local. O colunista Paulo Macêdo (1975), meses depois, comentou sobre o sucesso por meio de uma nota. "Briefs: O cinema Rio Grande continua lotado em todas as sessões em que exhibe o filme O Exorcista" (MACEDO, 1975, p.6).

A pesquisa é qualitativa e documental relacionada a estreia do filme nos cinemas de Natal, além de interpretar como a imprensa retratou o lançamento, visto que este foi um dos filmes censurados durante a Ditadura Militar (1964-1985) e liberado após um ano por conta das cenas mencionadas acima. O estudo veio por meio de recorte de reportagens da década de 70, no qual alguns trechos estão disponíveis em citações. A coleta dos jornais veio dos arquivos da Biblioteca Nacional e acervo da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no qual o filme recebeu a menção em colunas, críticas, cadernos de cultura, reportagens, programação de cinema e charges.

Por fim, o resultado da compreensão mais profunda sobre a análise do discurso de um jornal por meio de um filme de terror. Isso é crucial para entender como um filme estrangeiro de grande impacto foi recebido e assimilado por certos jornalistas. Inclusive, uma forma de contar um determinado acontecimento da cidade e registro de memória por meio de um trabalho científico.

Definimos que esta pesquisa precisa como objetivo geral o fato de realizar uma pesquisa documental e qualitativa sobre a relação entre a mídia local e a estreia de um filme no determinado cinema de Natal.

Já os objetivos específicos visam em explorar como uma produção internacional foi recebida pela mídia e sociedade em uma cidade brasileira específica, sem contar que a pesquisa pode contribuir para uma compreensão mais abrangente da história dos filmes estrangeiros no Brasil e de sua interação com a cultura local. E, o mais importante, criar um documento que crie uma memória acerca de um momento que a cidade do Natal presenciou.

A campanha de divulgação de "O Exorcista" exemplifica como a mídia pode transformar um filme em um evento cultural de grande impacto, utilizando o medo e a curiosidade como ferramentas para manipular o comportamento do público.

É reconhecer o papel da mídia na criação e disseminação de significados culturais, é possível desenvolver uma consciência mais profunda sobre como nossas percepções e comportamentos são influenciados por forças externas.

Sabendo deste contexto histórico, trabalhamos com as seguintes hipóteses: O gênero do filme e o momento político, por se tratar de um terror com temática religiosa e um governo repressor de tudo que contraria a moral e os bons costumes, influenciou na narrativa das matérias e, consequentemente, pelo público da cidade do Natal, possivelmente gerando maior controvérsia ou identificação.

Também temos a hipótese de que a repercussão da mídia acerca do debut da obra teve um impacto significativo na indústria cinematográfica local, influenciando decisões editoriais. Outra hipótese é mostrar que a obra deixou um legado cultural na cidade, observável em referências e influências na cultura local ao longo do tempo.

2. Metodologia

Antes precisamos explicar o que é discurso, no qual para Foucault (1996) aponta que o conceito de discurso passou por diferentes significados ao longo dos anos. Os poetas gregos, por exemplo, apontavam que havia o discurso verdadeiro, que reproduzia o que era considerado certo e justo, pronunciado pelas pessoas que realmente estudou um determinado assunto.

O conceito de verdade mudou ao longo do tempo, se deslocando ao ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação, a sua referência (FOUCAULT, 1996, p.15).

No período do renascimento houve uma necessidade de saber o que prescrita e o nível técnico dos discursos. Tudo se passa como se, a partir de grande divisão platônica, a vontade de verdade tivesse sua própria história, que não é a das verdades que constroem: histórias dos planos de objetos a conhecer, história das funções e posições do sujeito cognoscente, história dos investimentos materiais, técnicos, instrumentais do conhecimento.

É seguindo este contexto que vem a ideia de Análise do Discurso Crítica (ADC), uma abordagem que entende o discurso como uma forma de ação social sempre atravessada por relações de poder e ideologia. Para Van Dijk (2005), a ADC é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos originais e escritos no contexto social e político.

A ADC permite compreender como a mídia da época dialogava com estruturas de poder, contribuindo para práticas sociais. Como afirma Foucault (1996), “o discurso é também um exercício de poder e exclusão, delimitando o que pode ou não ser dito”.

Em um nível elementar, mas fundamental da análise, as relações de poder social manifestam-se, tipicamente, na interação. Uma dessas interações pode ser através do jornal ou o seu leitor. Nos anos 70, tempo que aconteceu as reportagens de análise de discurso para a elaboração deste artigo.

Para entender a recepção de um acontecimento, precisa entender a leitura dos jornais daquele Brasil Militar e que questões socioeconômicas, históricas e culturais podem compreender o motivo dos jornais retratarem o lançamento de um simples filme de terror. E o mais importante: como o natalense consumia o cinema.

Foucault (1996, p.43) já dizia que grupos sociais, dependendo das condições socio econômicas, históricas e culturais, podem se envolver com o exercício de diferentes discursos, trazendo uma forma peculiar social.

A pesquisa de dissertação de mestrado adota uma abordagem qualitativa, com base na ADC. O corpus é composto por matérias jornalísticas publicadas em jornais de Natal (como Tribuna do Norte, Diário de Natal e O Poti) entre 1974 e 1975, período da estreia do filme no Brasil.

Para o Diário de Natal e O Poti, coletamos os jornais através do site da Hemeroteca Nacional, página do Arquivo Nacional, que disponibiliza os jornais da década de 70 digitalizados e domínio público. Já a Tribuna do Norte a busca foi um pouco mais complexa, porque tivemos que ir presencialmente à hemeroteca da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

3. Contextualização Histórica

O filme “O Exorcista” é um marco na história do cinema, com influência significativa em diversos aspectos culturais e sociais desde a sua *avant-première* em 1973. Midiaticamente chamou atenção por conta da reação do público e dos críticos de cinema. Primeiramente, por ser o único filme de terror a receber indicação ao Oscar de Melhor Filme, além de ser uma das primeiras obras a trazer o cristianismo e possessões demoníacas. Algo que ainda era tabu na instituição religiosa (Adoro Cinema, 2011). Logo, veio o interesse em pesquisar e responder a seguinte pergunta: “Como os jornalistas abordaram o filme ”O Exorcista” na cidade do Natal?”.

No Brasil, inicialmente, houve a sua censura por conta do tema, a liberação acontecendo no ano de 1974, segundo Diário de Natal, após atender os cortes demandados pelos censores (MACEDO, 1974). Por isso, nós precisamos entender como Natal recebeu este filme em seus cinemas, a repercussão da mídia acerca de sua estreia e se isso causou mudança nas práticas sociais de uma cidade brasileira.

Dorbstein (2011), por meio de uma análise bibliográfica, constatou que a Divisão de Censura de Diversão Pública (DCDP), responsável por analisar filmes, peças teatrais e outros tipos de entretenimento, buscava garantir que as obras estivessem consoante os ideais governamentais ou, caso contrário, se contrapusessem à moral e aos bons costumes (na perspectiva do Poder Executivo). Foram mais de seis mil obras avaliadas, incluindo "O Exorcista", que figurou na lista das 37 produções submetidas à censura em 1973 (CARNEIRO, 2013).

Em 1974, o longa foi liberado após cortes e exibição privada para autoridades em Brasília. A recepção de *O Exorcista* em Natal deve, portanto, ser compreendida nesse entrecruzamento entre mídia, religião e política. Ainda podemos acrescentar o interesse e a prática dos natalenses de ir ao cinema foi um fator importante para a exibição do filme.

O filme foi exibido no Cine Rio Grande, com classificação para 18 anos e foi remarcado diversas vezes até chegaram a colocar um anúncio do cinema no jornal O Poti para divulgar a compra de ingressos, veja a imagem logo abaixo:



(Figura 1) Cartaz da Estreia do filme em Natal

4. A Experiência Cinematográfica em Natal

Natal possuía na época salas de exibição consolidadas, como o Cine Rio Grande, onde *O Exorcista* estreou em abril de 1975. Construído em 1498, ficava situado na Avenida Deodoro da Fonseca, próximo da Catedral Metropolitana (hoje Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação). Assim como o Cinema Nordeste, o local recebia equipamentos modernos da época e recebia em torno de dois mil espectadores. Na época que *O Exorcista* foi exibido, dados do Censo de 1970 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a capital do Rio Grande do Norte tinha em torno de 270 mil habitantes, representando 16% dos habitantes de todo o estado.

Desde o início do século XX, o cinema de rua era um espaço de sociabilidade urbana, e o filme se tornou um evento social, como demonstram as colunas jornalísticas que trataram da aglomeração nas filas, da venda de ingressos e até de confusões públicas durante as sessões. Mas, por que falamos de prática comum? Precisamos contar a história das salas de cinema em Natal.

Segundo o Inventário Urbano dos Cinemas de Rua de Natal (2024), os primeiros cinemas de rua de Natal surgiram no século XIX para o século XX, no período em que a cidade ansiava em se afastar das características locais do Brasil Colônia e abraças as ideias da tão recente República, que surgiu em 15 de novembro de 1889.

As primeiras formas de ver filme aconteceram no Teatro Alberto Maranhão, quando o mesmo ainda era chamado de Carlos Gomes no início do século XX. O Inventário (2024) apontou que o teatro recebeu o primeiro cinematógrafo do estado do Ceará no ano de 1906. No entanto, o cinema só foi inaugurado três anos depois.

Mas, o primeiro cinema oficial foi o Polytheama. O Inventário apontou ser conhecido por suas primeiras inovações tecnológicas no cinema, como o kinetofone, que combina projeção de cinema com aparelho sonoro. É considerado o primeiro cinema da capital do Rio Grande do Norte e era uma rede de cinemas que espalharam no Brasil inteiro. O espaço ficava na Praça Augusto Severo e tinha uma arquitetura considerada eclética. Além disso, o Polytheama mudou os moldes da cidade, como salas de jogos, serviços de bar e sorveteria, onde servia o famoso "poly". A loja ficava do lado de Paris em Natal, que vendia o melhor da moda francesa. Assim, o público vinha com vestidos e ternos impecáveis. Novos cinemas foram surgindo e sempre instalados em lugares estratégicos, como perto de bares, restaurantes e lojas de roupas.

4.1. Cinema e mídia

A cobertura midiática reforçou esse caráter excepcional da estreia, transformando-a em uma experiência coletiva — fenômeno que o próprio Thompson descreve como “mediação simbólica” de eventos.

O filme foi amplamente comentado antes mesmo de sua estreia. Colunistas como Paulo Macedo registraram apelos do público pela exibição: “Muita gente me telefonando para solicitar um apelo desta coluna ao Dr. Moacyr Maia, no sentido de trazer a Natal o filme ‘O Exorcista’” (Macedo, 1975, p.2).

Inicialmente, o Diário de Natal começou a mencionar o filme por meio da propaganda da revista Cruzeiro, que também faz parte do Diário Associados. Posteriormente, algumas menções trazem referência ao filme “O Exorcista de Mulheres”, lançado na mesma época e é uma pornochanchada que satiriza a obra norte-americana.

A cobertura do Diário de Natal e O Poti enfatizou filas, polêmicas e até a mobilização da Polícia Militar, que, segundo reportagem de 1975, “elaborou esquema para moralizar os costumes nos cinemas” devido ao público atraído pela obra. Na cidade do Natal, por sua vez, somente entrou em cartaz em fevereiro de 1975, conforme o Diário de Natal (MACEDO, 1974). Mais na frente veremos que a Tribuna do Norte noticiara em outubro de 1974.

“O Exorcista”, o filme mais comentado no momento e que estava rigorosamente proibido no Brasil, acaba de ser liberado pela censura, que após exibi-lo em caráter especial para destacadas autoridades em Brasília o considerou excelente.”. (MACEDO, p. 5, 1975).

Para Thompson (1995), esse tipo de mediação simbólica é típico da modernidade: “a mídia transforma significados privados em públicos, deslocando-os de seus contextos originais”.

O discurso tanto do Poti quanto do Diário de Natal se encaixa no conceito mencionado de John B. Thompson, em “A Mídia e a Modernidade”, apresenta uma análise detalhada do papel da mídia na sociedade contemporânea. Os jornais focaram mostrar a reação do fã natalense acerca do filme, destaque para o trecho de fevereiro de 1975 da coluna de Cassiano Arruda Câmara.

Turismo

Dezenas de potiguares estão viajando a João Pessoa para assistir a “O Exorcista”. Como esses filmes só chegam a Natal quando já eram, a

turma prefere enfrentar alguns quilômetros de estrada (DIÁRIO DE NATAL, 1975),

A mídia, nesse processo, serve como mediadora, reorganizando e redefinindo esses significados para atender aos interesses de diferentes públicos.

Thompson também destaca a capacidade da mídia de criar realidades compartilhadas, moldar identidades e mediar relações de poder. Ele enfatiza que a mídia moderna consegue tocar em emoções profundas e complexas, manipulando o comportamento das massas (p. 45). Essa manipulação simbólica é central para entender como a mídia pode influenciar percepções e transformar eventos culturais em fenômenos de massa.

5. A Construção Jornalística do Filme como Evento

Os jornais analisados não se limitaram a resenhas cinematográficas. Utilizaram colunas sociais, charges, seções de esportes e matérias de segurança pública para comentar o filme. O *Diário de Natal* e *O Poti*, ambos do grupo Diários Associados, utilizaram um tom mais promocional, retratando o filme como "esperado", "pedidos do público" e como "fenômeno de vendas" — incluindo o sucesso do livro homônimo de William Peter Blatty.

A *Tribuna do Norte*, por sua vez, adotou uma abordagem mais informativa. No caso do jornal, eles resolveram optar, inicialmente, em transmitir o que há interessante mundialmente.

França (2012) já dizia que este comportamento do jornal (a mídia ou qualquer meio que transmita uma mensagem) é o retrato do cenário contemporâneo, no qual as pessoas podem informar e criar hábitos do nosso cotidiano. Neste momento, eles escolhiam o que era relevante ou não sobre o filme.

“O Exorcista”

Merece cuidadosa atenção. Foi lançado na véspera de Natal. É um filme de paradoxos. Seu tema é ao mesmo tempo, obscuro e espiritual, horrível e consolador e capaz de levar o espectador tanto para a piedade como para o ódio. Mas não de deixá-lo indiferente ao sair do cinema dia 29, no Cine Rio Grande, em *avant-première*, o Exorcista, surge promoção dos funcionários da Cicol e Afug, às 22h30 hs. Com muita procura, os ingressos vendidos (TRIBUNA DO NORTE, 1975).

6. O Discurso e o registro histórico



(Figura 2) Reportagem da Tribuna do Norte que fala do ato do Exorcista na literatura de Cordel baseado na exibição do filme em Natal

A estreia de *O Exorcista* gerou reações intensas na imprensa potiguar, especialmente na *Tribuna do Norte*, que abordou o filme como um fenômeno de consumo sensacionalista. A crítica publicada em 1974 afirmou: “O filme já foi consumido, mesmo antes de ser visto [...] um desses filmes para o consumo imediato” (TRIBUNA DO NORTE, 1974), revelando um juízo moral que antecipava a recepção popular.

Em 1975, o tom da crítica se tornou ainda mais agressivo: “Filme de péssima qualidade [...] O roteiro é imbecil [...] Joga a ciência contra a religião e vice-versa” (TRIBUNA DO NORTE, 1975). A hostilidade da imprensa pode ser lida como forma de exercer poder simbólico, conforme Van Dijk (2005, p. 41): “o exercício de poder por A resulta em uma limitação da liberdade social de ação de B”.

O impacto do filme se estendeu a outros campos discursivos, como a literatura de cordel, conforme noticiado pelo mesmo jornal. Isso confirma a análise de Foucault (1996, p. 52), para quem os discursos “cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”, demonstrando como a mídia ressignifica fenômenos culturais.

A análise dos textos mostra que os jornais não apenas relataram fatos, mas ajudaram a moldar comportamentos. A cobertura intensiva, o uso de linguagem dramática e a exploração do medo e do misticismo colocaram *O Exorcista* como parte do debate social sobre juventude, religiosidade e permissividade cultural. A vigilância

policial nos cinemas, amplamente noticiada, reforça esse controle moral sob o verniz da segurança pública.

7. Considerações Finais

A estreia de *O Exorcista* em Natal funcionou como um espelho das tensões sociais da época. A mídia, ao tratar o filme como espetáculo e fenômeno social, participou ativamente da sua recepção, reforçando valores, medos e desejos da sociedade local. A análise crítica do discurso permite revelar as camadas ideológicas presentes nessas narrativas e compreender como o jornalismo contribuiu para a memória coletiva do evento.

Além de lançar luz sobre um caso específico da história da imprensa potiguar, o estudo contribui para os debates sobre censura, recepção cultural e papel social do jornalismo.

Referência

DOBERSTEIN, Juliano Martins. **As duas censuras do regime militar**: o controle das diversões públicas e da imprensa entre 1964 e 1978. Orientadora: Carla Simone Rodeghero. 2011. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2011.

DIÁRIO DE NATAL. Edições diversas. 1948–1949.

DIÁRIO DE NATAL. Edições diversas. 1974–1975.

FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**.

INVENTÁRIO urbano dos cinemas de rua de Natal/RN. [S. l.]: Figma, [2023?]. Protótipo digital. Disponível em: <https://www.figma.com/proto/Zjx9meJgrHJ8e8BeoIUvdN/Invent%C3%A1rio-Urbano-dos-Cinemas-de-Rua-de-Natal-RN?node-id=1-3&t=LE7yioWgV9v3FYU2-1&scaling=min-zoom&content-scaling=fixed&page-id=0%3A1&starting-point-node-id=1%3A3>. Acesso em: 21 abr. 2025.

O EXORCISTA. Direção: William Friedkin. Produção: William Peter Blatty. Prime Vídeo. 1973. 2h1min. Disponível em:

<https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.48b50421-6993-e74b-2b8a-7228dcc3291a?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2005.

TRIBUNA DO NORTE. Edições diversas. 1974–1975.